



CÍRCULO DE CULTURA FREIRIANA NA FORMAÇÃO DO PNAIC

Educação Inovadora e Transformadora

GUEDES, Eliane Terezinha Raymundo Guedes¹

RESUMO

Face ao processo de transformação que vem ocorrendo no ensino dos anos iniciais do ensino fundamental, caracterizado por mudanças curriculares e metodológicas, a formação continuada mostra-se como uma temática bastante importante. Neste contexto, o trabalho apresenta um relato de experiência de uma professora orientadora do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (2013-2015). O relato de experiência aborda aspectos do preparo dos Professores Orientadores para a docência da formação e relata as experiências da professora frente ao desenvolvimento das atividades com as professoras alfabetizadoras e sua atuação nas escolas de origem. Os encontros realizados para a formação foram organizados com base na pedagogia Freireana, assim como as atividades do PNAIC também são fundamentadas nas ideias de Paulo Freire. Os encontros se realizaram na formação de círculos de cultura e trouxeram uma contribuição muito grande para a transformação da prática pedagógica dos professores alfabetizadores, pois sua ação tem agora a marca do pensamento de Freire tendo como ponto de partida a realidade vivida pelo educando, quando usam uma discussão como instrumento pedagógico, quando consideram o alfabetizando como alguém que tem um saber, quando enfatizam o pensar e o criar como elemento do processo de conhecer.

Palavras-chave: Formação continuada. Prática Profissional. Alfabetização.

INTRODUÇÃO

As avaliações nacionais constataram níveis insuficientes de alfabetização e letramento dos estudantes brasileiros, constituindo-se num grande desafio para os gestores que, em busca de solução, firmaram um compromisso para assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental, denominado Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

O programa apresenta quatro eixos de sustentação: formação continuada presencial, material didático, avaliações e gestão, mobilização e controle social. O início do programa se deu em 2013 com ênfase nos estudos de Alfabetização – Língua Portuguesa em interface com os demais conteúdos escolares, por meio dos

¹ Graduada em Pedagogia (URCAMP), Pós-graduação em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos (UFSM), Professora Orientadora do Curso PNAIC. E.M.E.F. Presidente Kennedy. elianegueds@yahoo.com.br.



Direitos de Aprendizagem. Em 2014, o foco foi na Alfabetização Matemática com aprofundamento em Língua Portuguesa e, em 2015, foi feita a retomada dos diversos conteúdos escolares em cadernos especiais juntamente com temáticas pertinentes, tais como: currículo, criança, organização do trabalho escolar e da ação docente, planejamento e avaliação.

Os Direitos de Aprendizagem foram concebidos na perspectiva de orientar os professores quanto às metas de ensino e aprendizagem nos diversos conteúdos escolares, como ponto de partida para que se possa planejar o ensino dos anos iniciais da educação Básica.

O PNAIC envolveu uma gama de profissionais da educação, pesquisadores e professores que foram capacitados para atuarem como Orientadores de Estudo dos professores alfabetizadores que estavam em regência de classe no primeiro ciclo de alfabetização (1º a 3º anos).

Os Orientadores de Estudo receberam capacitação em Polos (Universidades) e atuaram em seus municípios na formação continuada presencial dos professores alfabetizadores. A lacuna na preparação pedagógica dos professores alfabetizadores se apresenta como um obstáculo no processo de alfabetização, diagnosticado pelos orientadores de estudo. Destacam-se também outras barreiras como a prática pedagógica sustentada pela dicotomia teoria-prática, tradicional e a ausência de teorias que embasem a prática pedagógica.

Compreende-se que a docência é uma atividade complexa que exige do professor alfabetizador muito mais que o domínio dos conteúdos de cada disciplina a ser aplicada. Demanda compreender que a atividade do docente não se resume à transmissão de conhecimento e sim, transformar informações em conhecimento.

Espera-se que o professor alfabetizador contribua para a formação de cidadãos críticos, baseado na valorização da criatividade, da reflexão e na construção do conhecimento, partindo da realidade do aluno para que ele possa ser um cidadão consciente e transformador de sua própria realidade.

Autores salientam que a formação continuada deve servir de reflexão sobre o processo de alfabetização, considerando as metas do Plano Nacional de Educação e as diretrizes curriculares dos Parâmetros Curriculares e da própria Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional de 1996.



Nesse sentido, o Plano Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) torna-se essencial à medida que orienta os professores alfabetizadores, inserindo-os em uma experiência de ensino e aprendizagem fundamental para a sua prática pedagógica.

Dessa forma, pretende-se por meio deste trabalho descrever o relato de experiência pessoal como Professora Orientadora de Estudos do PNAIC sobre esse programa e a formação dos professores alfabetizadores.

DESENVOLVIMENTO

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) teve início em janeiro de 2013 com curso de capacitação (com duração de 40 horas) para professores orientadores nas Universidades de Santa Maria (UFSM) e de Pelotas (UFPEL).

Em março de 2013 iniciaram as aulas de formação continuada com os professores alfabetizadores. O método utilizado foi a pedagogia freireana. Todos os encontros iniciavam-se com uma acolhida e era lançado o tema gerador. Todo trabalho era contextualizado com a prática dos professores e suas realidades, partindo para a reflexão sobre o tema. Após muito diálogo, fazia-se uma pausa pedagógica. Retomando a aula, fazia-se uma investigação do tema, por meio de leituras, sistematizando os conhecimentos, aprofundando a teoria e a prática, evoluindo na teorização, melhorando a prática em vista dos inéditos viáveis.

O que era discutido nas aulas deveria ser colocado em prática nos seus ambientes de trabalho, era o momento da práxis pedagógica, ou seja, da ação-reflexão-ação como processo de descoberta coletiva do mundo, do pronunciamento do mundo que queremos, da conscientização dos atos-limites transformadores, da superação das situações-limites e da projeção dos inéditos viáveis.

As aulas sempre desafiavam os professores alfabetizadores, por meio de diálogos problematizadores, eram um momento de dialogar com os outros sobre os saberes de cada um, legitimando e aprofundando a compreensão da realidade da educação nas escolas. Encerrando os encontros, sempre havia o momento da produção coletiva, do agradecimento pela partilha de conhecimentos, reconhecendo



o esforço de cada um, que dentro de seus limites e inacabamentos se dispuseram a partilhar a vida, o saber da experiência, o conhecimento científico, enfim, era o momento do diálogo de saberes, do que fazer, do sentir, pensar e agir – momento de humildade e amorosidade dialeticamente articuladas.

Neste aspecto, considerou-se a didática aplicada no curso como sendo a Didática Freireana, com suas dez pedagogias, sendo: a **Pedagogia da Acolhida e da Pergunta** onde a Orientadora de estudos exercitava a acolhida sincera e dialogava com as Professoras Alfabetizadoras informando como ia ser a aula, do que seria tratado e a importância daquele estudo.

Na **Pedagogia do Tema Gerador**, era o momento da continuidade da reflexão do que emerge da pedagogia da pergunta. Nesta pedagogia se dá a orientação temática para o diálogo inter-relacional entre os sujeitos, é a palavra mundo que vai sendo desvelada, admirada, interligada, como parte do processo de construção de novos conhecimentos em direção da mudança da realidade.

Na **Pedagogia da Contextualização**, se dava a construção do conhecimento no diálogo entre a orientadora e as professoras, a partir do contexto concreto em que estavam inseridas.

A **Pedagogia da Reflexão** levava as professoras a refletir, isto é, a pensar de forma crítica sobre alguma realidade ou algum objeto, é um ato de autonomia intelectual e exige do sujeito a responsabilidade epistemológica para captar da melhor forma possível a totalidade de aspectos que se manifestam no real. Refletir é um ato de intencionalidade da consciência que quer conhecer o mundo, fazendo do mundo seu objeto cognoscível.

O quinto item é a **Pausa Pedagógica** que era o momento de dar uma parada para relembrar tudo o que já aconteceu até o momento e entender o que foi feito e o que foi pensado. Essa pausa era realizada após o lanche durante os encontros.

A **Pedagogia da Investigação Temática** acontecia após para pensar sobre o tema, o que levaria a ação transformadora sobre a realidade refletida, era o momento de investigar outra vez a temática, debruçar-se sobre o contexto teórico-concreto em vista da construção de alternativas viáveis para sua superação.

Na **Pedagogia Dialética** encontra-se a exigência de que o processo seja permanente sistematizado, que o diálogo em torno do objeto do conhecimento possa



ser acessado por todos, para isso era necessário ser publicizado, publicado, escrito. Era o momento de retomar o pretexto de origem da discussão em proximidade com o debate do contexto concreto que se faz texto através do diálogo intersubjetivo.

Na **Pedagogia da Práxis**, talvez a mais significativa para o grupo, ficava explícito que o processo de ensinar-e-aprender é permanente, por isso, é preciso avançar depois do diálogo e da construção do conhecimento enquanto ato pedagógico libertador, para a organização da práxis coletiva com os alunos em sala de aula. Dominar ou apropriar-se da palavra é uma parte de um processo maior que culmina na ação transformadora, na práxis que reconstrói o mundo. “Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo” (FREIRE, 2003, p. 77).

A **Pedagogia do Diálogo Problematizador** era o momento em que tudo o que foi construído anteriormente na relação Orientadora – orientandas, ganhava novos sujeitos e outros lugares. Como se sabe o mundo e o conhecimento se dialetizam. O conhecimento acontece na interação comunicativa entre sujeitos, mediatizados no mundo e com o mundo, e possui uma condição dupla para se efetivar: “[...] uma, cognoscitiva, a apreensão da realidade; outra, comunicativa, o diálogo em torno do significado e sentido da realidade apreendida e ressignificada [...]” (BRUTSCHER, 2005, p. 88).

Por fim, a **Pedagogia da Gratidão**. Nesse momento recordamos que não produzimos nada sozinhos, que somos seres de relação, intersubjetivos, interdependentes, vivemos com os outros e com o mundo. Nesse sentido, precisamos ser gratos, dizer obrigado a quem caminha junto, lado a lado, mão na mão. Isso atrai mais gente, é parte da pedagogia do encantamento e da alteridade, torna-se pedagogia da gratidão.

Agradecer é justo, reconhecer o esforço de cada um, que dentro de seus limites e inacabamentos, se dispõe a partilhar a vida, o saber da experiência feito, o conhecimento científico, enfim, é o diálogo de saberes, do que fazer, do sentir, pensar e agir – é humildade e amorosidade dialeticamente articuladas.



Figura 1 – Pedagogia da práxis



Fonte: Autora, 2017.

Figura 2 – Pedagogia da gratidão.



Fonte: Autora, 2017.

Nesta metodologia de trabalho, os professores desenvolviam seus estudos, atividades, e aplicavam em suas escolas o que era construído em sala de aula.



Percebia-se uma motivação, por parte dos professores alfabetizadores, pois era uma maneira nova de ver o processo de alfabetização, centrado nos Direitos de Aprendizagem, mas de uma maneira dinâmica, lúdica e extremamente dialógica e prática.

O aprendizado foi bem como afirma Freire: “[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando, que ao ser educado, também educa”. (FREIRE, 2003, p. 68). O conhecimento foi construído junto, unindo teoria e prática, ação-reflexão-ação.

Dos 97 professores alfabetizadores do município de São Gabriel que iniciaram o curso, apenas 03 desistiram, por motivos pessoais. Os demais cumpriram as três etapas do curso, aplicaram e continuam aplicando seus conhecimentos dentro de sua sala de aula, inclusive atuando como multiplicadores.

Essa formação contribuiu para que os professores alfabetizadores refletissem sobre sua práxis, na perspectiva de uma concepção de alfabetização focada na inserção das crianças nas práticas sociais, desenvolvendo metodologias que, de modo concomitante, favoreçam a apropriação do sistema alfabetico de escrita por meio de atividades lúdicas e reflexivas e a participação em situações de leitura e produção de textos, ampliando as referências culturais das crianças.

O professor alfabetizador é a figura central e determinante no processo de alfabetização. Neste aspecto, o PNAIC trouxe essa inovação na prática pedagógica na perspectiva freireana, que propõe uma educação libertadora com uma relação de troca horizontal entre educador e educando, exigindo-se nesta troca, atitude de transformação da realidade conhecida.

Essa proposta de educação libertadora, contextualizada na realidade do aluno, se caracteriza, acima de tudo, como uma educação conscientizadora, na medida em que, além de conhecer a realidade, busca transformá-la. Isto é, estando consciente de seu papel, o professor alfabetizador juntamente com seu educando aprofundam seus conhecimentos em torno do mesmo objeto cognoscível e dessa maneira podem intervir sobre ele (FREIRE, 1986).

Nestes encontros, trabalhou-se a proposta alfabetizadora de Freire, sendo vista e assumida como um todo, compreendendo que não se pode separar os fundamentos teóricos e a sua realização prática. Assim, ficou entendido que a



apreensão da cultura escrita acontece a partir de uma forte relação com o contexto social e cultural dos alfabetizandos (FREIRE, 2004).

O PNAIC propõe uma metodologia que não se limita ao uso das cartilhas, pois acredita que os temas, os textos e as palavras usadas devem ser significativos para os diferentes grupos de alfabetizandos. Trabalhando a formação por meio do “círculo de cultura”, contribuiu para tornar real a ideia da aprendizagem coletiva e a construção coletiva do conhecimento. O trabalho deve ser sempre coletivo, as pessoas não aprendem de maneira isolada, é preciso comprometimento do coletivo. Todos aprendem com todos (FREIRE, 1986).

Essas reflexões deram resultados em sala de aula, onde os professores alfabetizadores passaram a repensar sua prática pedagógica, aplicando a metodologia freireana no sentido de, além do domínio dos conteúdos, buscarem conhecer a realidade local de seus alunos e trabalhar mais em grupos. Demonstraram estar mais atentos para provocar a palavra dos alfabetizandos e a dizer a sua palavra, quando necessário. Sabe-se que é difícil trabalhar neste contexto, pois trata-se de uma proposta pedagógica que apresenta uma forte crítica à situação sócio-econômica e cultural que impede a ação da verdadeira democracia e opta pela transformação dessa situação de exclusão.

Após a realização do curso, os professores orientadores e alfabetizadores não são mais os mesmos. Suas práticas foram influenciadas pelas ideias de Paulo Freire. No entanto, não significa que outras concepções foram totalmente descartadas, mas que a marca do pensamento de Freire está presente quando estes professores tomam como ponto de partida a realidade vivida pelo educando, quando usam uma discussão como instrumento pedagógico, quando consideram o alfabetizando como alguém que tem um saber, quando enfatizam o pensar e o criar como elemento do processo de conhecer.

CONCLUSÃO

Os encontros realizados durante a formação do PNAIC e as reflexões na perspectiva freireana contribuíram para que os professores alfabetizadores se reconhecessem trabalhando nesta perspectiva e salientassem que quanto mais se



articula o conhecimento frente ao mundo, mas os educandos se sentirão desafiados a buscar respostas. Não só os alunos, os próprios professores também se sentiram incitados, sendo levados a um estado de consciência crítica e transformadora frente à realidade.

Nesse sentido, a relação dialética se torna fundamental na perspectiva de que educadores e educandos se constituem sujeitos do seu processo. Segundo o pensamento de Freire, percebeu-se que o homem se posiciona como participante do meio em que está inserido, quando analisa a problemática dos processos de ensino e aprendizagem por meio dos jogos de interesses políticos, econômicos, sociais e culturais, interpretando sua realidade.

A partir dos encontros realizados na formação do PNAIC, reforçou-se a percepção de que o professor é responsável pelo enriquecimento da vida do aluno por meio de obras e ações educativas intencionais. Ele deve proporcionar aos educandos diversas possibilidades de contato com leituras, situações e espaços educativos visando descobrir seu foco de interesse. A partir desta descoberta é possível transformar a educação, se permitindo buscar o novo, aprender todos os dias com os educandos, colocando-se junto ao educando, superando com ele o seu não saber e as suas dificuldades. Dessa maneira, ambas as partes aprendem.

Nas palavras de Freire (1980, p. 45) “Educar é um ato político, um ato de criação e recriação”. Neste aspecto, o diálogo é fundamental na construção da educação do sujeito para compreensão da estrutura social, de conscientização e de transformação. O PNAIC, na perspectiva freireana, contribuiu para reconstruir essa conscientização nos professores alfabetizadores da rede municipal de ensino do município de São Gabriel.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa** (Pnaic). Brasília, 2012. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/>. Acesso em: 18 out. 2017.

BRUTSCHER, Volmir José. **Educação e conhecimento em Paulo**. Passo Fundo: IFIBE; IPF, 2005.



FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Educação como prática da Liberdade**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Anca/MST, 2004.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 37. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.